COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

[Recensão crítica a 'Isto Paga-se Caro', de José Correia Tavares]

Liberto Cruz

Para citar este documento / To cite this document:

Liberto Cruz, "[Recensão crítica a 'Isto Paga-se Caro', de José Correia Tavares]", *Colóquio/Letras*, n.º 161/162, Jul. 2002, p. 434-435.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

casa que principia. [...] // Cada próspera cidade tem no seu meio / uma cidade de subnutrição, crianças mortas, / desalojados, desemprego. E em cada cidade / das mais podres há, num aro de metralhadoras, / uma cidade da tecnologia, rara / costura, sobre finança, e medo. [...] // O alastramento do miasma químico / e todas as formas de resíduo e conflagração. / Refulgem as epidemias, outras secretas / e sabemos que para nenhum deus / valem as preces, que tudo acaba aqui.» (p. 9-11.) Qualquer premonição está hoje ultrapassada, e o horror assim exorcismado espelha toda a sorte de conflitos, de que a tragédia dos Balcãs, longe de ser caso único, é o paradigma por excelência: «O ódio étnico, o rodeio do nacionalismo, / os padrões de migração que mudam» (p. 11). É claro que estes poemas não se circunscrevem ao teatro de guerra. Literatura, doença, solidão, costumes são parte do *Leitmotiv* da obra, e nenhum artifício perturba o fio tenso do *plot*: «Via-lhe o ventre com a crosta coagulada / e a melodia do peito, um fluxo em chaga, / donde parecia fugir a massa celular.» (p. 26.) Não se trata da doença como metáfora. Por razões que radicam mais no âmbito da sociologia e menos no da literatura, a questão da Sida tem estado ausente da poesia portuguesa. É certo que surge de forma oblíqua em poemas mais antigos, mas só agora essa evidência se diz sem rebuço: «Tudo se transformou em história. / Um vírus que nos deixou entregues / ao anjo sem guarda.» (p. 27.) O ónus da solidão, desencontro de corpos sem escape possível: «Cada um passava para o desconhecido, / se desconhecido havia, como se não passasse / diante de mim. / Nem nos bares onde se vai para encontrar / em confronto a solidão de qualquer sim.» (p. 30-1.) Consequente erosão do tempo e *defeso* (como se diz da caça) do sexo: «Nesse tempo o receio era tão pouco. / Bastava estar atento ao mover dos olhos, / à qualidade do sorriso, e todos éramos / a grata euforia da entrega, / a ejaculação que parecia nunca mais findar. [...] / Tudo passou a história. / Hoje há o cuidado. E se o amor / ultrapassa o prazer, restam / os testes e as suas repetições. / Só quis lembrar esta barra de fogo / apagada. / A vã duração do tempo.» (p. 56-9.) Ênfase declarativa ao arrepio do *literário* e do foguetório hermenêutico: «Aqueles para quem a alienação nada é. / A dor, o medo, a necessidade, o som de deus / são a sua refrega, o relâmpago no taipal que bate. [...] // E ninguém pergunta quem é / alguém. Basta-lhe sentir-se ainda / vivo. [...] / Entre a pressão da pele do prepúcio / e a da glande, a língua que entumesce.» (p. 61-3.) O tom expressionista é conforme à denúncia dos valores estabelecidos. Veja-se como, à laia de epítome, os versos finais remetem para dispositivos de leitura que fazem a síntese da obra: «Um país agora este imenso aterro / teve alguma vez colinas e montados [...] // Viverei os poucos verões até morrer / com este mundo de agressão em cerco. / Eu queria outro país, outro lugar / e tenho este infortúnio de leis amarrotadas / que não cumprem nem o violento nem o clandestino. / Um país de acasos, [...] / um esboroamento sanguinário. / Até a linguagem que me ergueu / me sabe a sarro e a arrabalde. [...] / E muitos hão-de sempre ser as vítimas / da liberdade que consente a violência, / da violência que não consente a liberdade. / Um assassino o país. Com as suas leis / inúteis, a sua ordem por cumprir. // Só nos resta esperar então morrer?» (p. 77-81.) O *real* é isto, na sua forma mais exacta.

Eduardo Pitta

JOSÉ CORREIA TAVARES

ISTO PAGA-SE CARO

Alpiarça, Garrido Editores / 2002

Trata-se do décimo quarto livro de poesia publicado por José Correia Tavares, e o quinto de quadras, na sequência de *Beijos e Pedradas* (1975), *Todas Estas Palavras* (1979), *Leitura dos Actos* (1998) e *Molduras com Espelhos* (2000).

Todas essas quadras, cuja soma ultrapassa já várias centenas, são memórias consentidas, não do Autor, mas de factos e pessoas, de situações e eventos, metodicamente captadas e guardadas. Memórias que se avivam e nos despertam, de súbito, quando pelo poeta são evocadas e por nós lidas, porque, repletas de incomodidade, conseguem quase sempre sacudir-nos e alertar-nos.

Há pessoas, diz-se por vezes eufemisticamente, com uma memória selectiva. Outras têm uma memória feita para agradar aos outros. E há ainda pessoas que cultivam a memória mais conveniente, não esquecendo a «indescritível» que é, regra geral, usança dos políticos e dos homens ditos de negócios.

A memória de José Correia Tavares é a do cronista do reino a actuar por conta própria. Sem encomendas, rasuras e usuras, sem disfarces, rancor ou artimanhas e sem melindres nem favores, o A. parece nunca esquecer que as coisas são como são e não como queríamos que fossem. E nada pior, como diz numa das quadras, do que ficar viúvo de si próprio.

Partindo desta asserção, vamos acompanhando o poeta a dar-nos conta das manigâncias políticas, das pulhices autorizadas, dos deslizes foleiros, dos triunfalismos bacocos, dos golpes rasteiros, das intenções canalhas,

das brejeirices correntes e dos cinismos terríveis. Não esquecendo, obviamente, os aguilhões agridoces que corrompem e matam descaradamente. Tudo isto vem à tona para as nódoas não impedirem a água de lavar. Como se o que se apresenta com sujidade assim devesse ser exposto. Não se trata, contudo, de pretender branquear — aliás, como é sabido, a barrela nem sempre consegue limpar inteiramente as manchas.

Há quem, por distracção ou ignorância, considere a quadra uma arte poética menor, esquecendo tê-la também cultivado Fernando Pessoa com interesse e frequência. É certo que se o autor de *Mensagem* só tivesse escrito quadras do género das que nos deixou não seria hoje um poeta universal. Não por tê-las escrito, entenda-se, mas por não ter atingido nelas o nível do legado deixado por si próprio e pelos seus heterónimos.

Sobre as quadras de José Correia Tavares, que têm passado despercebidas ou, melhor, incompreendidas, há, no entanto, diversos juízos críticos acertados e entusiásticos. Entre outros recordo os comentários de Silvina Rodrigues Lopes, Armando Silva Carvalho, José Manuel Mendes, Serafim Ferreira, Júlio Conrado e Urbano Tavares Rodrigues.

Vários críticos têm ressalvado não estarmos perante um poeta de cariz popular que pretendesse insinuar uma sabedoria falsamente pertença do povo. José Correia Tavares surge sobretudo, quanto a mim, como militante da integridade, paladino da justiça, vigia atento da elegância mental. Uma voz, como escreve Baptista-Bastos na contracapa deste livro, cujo timbre é honrado, que se exprime com humor e saber, com vigor e reflexão, com coragem e pertinência. Uma voz que diz bem o que mal se diz ou faz.

Atente-se na última quadra do livro: «Rebelde, poeta ignaro / E desprezível pessoa... / Isto paga-se caro, / Muita gente não perdoa.» Certamente por saber pouco de finanças, José Correia Tavares esqueceu-se de acrescentar, noutra quadra, que isto não se paga apenas caro, isto aqui paga-se caro e com juros, elevados juros.

Num país de «mafarricos subalternos» (a expressão é do A.), onde tanta gente se estafa de homilia em homilia, de comício em comício, de procissão em procissão, exibindo, sem pudor, o mesmo desplante e a mesma sabujice, encontra-se sempre quem esteja pronto para mudar de camisola e para se adaptar ao que estiver na berra.

A malta minguante nunca morre com a madrugada. Pelo contrário: renasce porque não existe, engorda porque não cresce, vence porque não luta. E ganha porque obedece. Quanto mais se vão cozendo, mais cosidos ficam ao poder: «Certas pessoas famosas / De norte a sul do País, / Florindo cravos e rosas, / Oliveiras na raiz.»

Nestas novas quadras de escárnio e mal-dizer, tão tradicionais na poesia portuguesa, a verdade apresenta-se sem artifício nem embustes, o que raramente se admite e consente. Parafraseando Álvaro de Campos, a verdade é tão bela como a Vénus de Milo ou o binómio de Newton. A diferença é que nem toda a gente pode dar por isso. Mas ver a verdade não custa. O que custa, em verdade, é a verdade dizer. «Por causa destes tratantes, / Tão saudosos do passado, / Já não é o que era dantes / O futuro... triste fado.»

Com uma linguagem ora contida ora picante, mas sem cair jamais no vulgarismo, José Correia Tavares serve-se das palavras como artífice seguro e experiente. Daí que o vocabulário justo e que melhor se adapte ao código pretendido tanto possa ser um termo delicado como um palavrão de uso corrente. Sendo a palavra a ferramenta utilizada, não há estado de alma ou de corpo susceptível de poder corromper ou conseguir desviar a quadra que é urgente fazer circular. E aqui se revela justamente o poeta José Correia Tavares. Não cedendo à facilidade de manejar os versos e de alinhar as quadras, há em *Isto Paga-Se caro* um rigor, um ofício e uma perversidade serenamente controlada raros e difíceis de alcançar. Utilizando a língua portuguesa com desenvoltura e mestria, este livro é mais uma prova, se necessário fosse, da perícia e do indisciplinador poeta que é, sem dúvida, José Correia Tavares.

Liberto Cruz

JOÃO CAMILO

A AMBIÇÃO SUBLIME

Lisboa, Fenda Edições / 2001

Este volume integra dois livros distintos: o que lhe dá o título, *A Ambição Sublime*, inédito, e *Para a Desconhecida*, de 1983, cuja recensão, da autoria de Manuel Frias Martins, apareceu no n.° 80 desta revista, em Julho de 1984, motivo por que me debruçarei essencialmente sobre o livro inédito, não deixando, no entanto, de referir a similitude temática que o aproxima do outro — e de toda a obra do poeta —, apesar da patente diferença formal entre ambos; poemas genericamente mais curtos e concentrados em *Para a Desconhecida* e mais alargados e caudalosos (alguns deles devaneios poéticos em prosa) em *A Ambição Sublime*.

Poeta exilado, pela honrosa fuga à Guerra Colonial, «errando» entre países, cruzando fron-